

« ET SI TEILHARD DISAIT VRAI . . . »  
(«E se for verdade o que disse Teilhard ... »)



## PREFÁCIO

Este pequeno livro foi pensado como uma flecha, em função duma aljava. A aljava foi « *Teilhard de Chardin, prophète d'un Christ toujours plus grand* »<sup>1</sup>, obra que publiquei em 2005, por ocasião do cinquentenário da do Padre Teilhard de Chardin. A importância dum tal livro decorre do lugar que este homem, jesuíta e cientista, na sua visão do mundo, do homem e da fé, soube dar a Cristo, à luz da Revelação.

A fim de não restringir essa mensagem somente aos leitores desse livro, pensei ser oportuno apresentar aqui uma versão abreviada do mesmo. Chamo-lhe uma flecha, esperando que ele vá direito ao coração das intuições mais essenciais de Teilhard, infelizmente demasiado desconhecidas quando não arbitrariamente rejeitadas.

O título deste pequeno livro « *E se for verdade o que disse Teilhard ...* » exprime amplamente a minha convicção de que, ao desdenhar-se esta mensagem sem ponderar o seu verdadeiro alcance, comete-se, para consigo si mesmo, para com os outros e, sem dúvida, para com a Igreja, um erro espiritual que urge remediar. As páginas que se seguem esperam contribuir para isso. Aos leitores de o julgarem ...

## INTRODUÇÃO

« *E se for verdade o que disse Teilhard...* ». Este título pretende significar que o pensamento de Teilhard, através dos seus grandes escritos, vale a pena não só ser considerado, mas também aprofundado, possivelmente aqui e ali completado ou criticado, mas jamais esquecido e, menos ainda, traído. Com efeito, merece ser compreendido e mesmo defendido por fidelidade à sua inspiração, tão totalmente quanto possível, como foi minha intenção com « *Teilhard de Chardin, prophète d'un Christ toujours plus grand* ».

Digamos de imediato, antes de qualquer outra consideração, que Teilhard não é, de maneira nenhuma, « profeta »<sup>2</sup> dum outro Cristo que não O da Revelação, de que a Igreja é testemunho. « Por “Super-Cristo”, não quero de forma nenhuma significar um outro Cristo, um segundo Cristo diferente do primeiro ou maior que ele; quero afirmar o mesmo Cristo, o Cristo de sempre, revelando-se-nos sob uma figura e dimensões, com uma urgência e uma superfície de contacto ampliadas e renovadas ».<sup>3</sup> Teilhard, efectivamente, compreendeu que o nosso tempo não tem que relativizar Cristo nem, segundo a sua própria expressão, “minguá-lo”. Quanto ao cristão, ele deverá, pelo contrário, aprofundar, sobressacar, “imensificar” o homem e a criação para reconhecer que é necessário imensificar a visão que tem de Cristo e confessar assim a sua incomparável grandeza.

---

<sup>1</sup> Éditions Lessius, Bruxelles 2005, 280 pgs

<sup>2</sup> René d'Ouince s.j. « *Un prophète en procès: Teilhard de Chardin dans l'Église de son temps* » (Aubier-Montaigne, 1970)

<sup>3</sup> « Super-Humanité, Super-Christ, Super-Charité » (1943) IX, p.208 (sublinhados de Teilhard). Salvo indicação em contrário, as citações desta pequena obra são extraídas das « *Œuvres de Pierre Teilhard de Chardin* » editadas por Le Seuil (volumes numerados de I a XIII).

Em Teilhard, um encargo desta monta implica uma visão inteiramente renovada da natureza, em razão da evolução que ele coloca como novo ponto de vista sobre a criação, sem nunca o isolar das afirmações de S. Paulo acerca da relação do Ressuscitado com essa criação.

Daí, os oito pontos de vista sob os quais é conveniente apreender o entendimento que Teilhard faz da fé:

1. a Criação como evolução
2. a natureza e a morte
3. «A União Criadora»
4. a origem do homem, o lugar do pecado, Adão e Eva, o Paraíso terrestre
5. o «Cristo universal»
6. algumas referências para uma existência cristã
7. a «Noosfera», o «Ultra-Humano» e «Ómega»
8. «uma Nova face de Deus».

## I A CRIAÇÃO COMO EVOLUÇÃO

É uma primeira evidência que se impôs a Teilhard, no seu desejo mais que legítimo de reflectir sobre a criação em função dos dados científicos do seu tempo: «*A nossa Ciência do Real experimental, hoje [...] tende invencivelmente a adoptar, nas suas pesquisas e nas suas construções, o método histórico, ou seja, o ponto de vista da evolução, do devir. A História invade pouco a pouco as disciplinas [...] a tal ponto que tende a constituir-se [...] uma espécie de ciência única do Real, que poderíamos chamar 'a História natural do Mundo'*». Assim falava Teilhard em 1926.<sup>4</sup>

Vinte e quatro anos mais tarde, escreve ainda: «*Aparecida localmente, na esteira da Zoologia, a Evolução, ganhando aos poucos aos domínios vizinhos, acabou por invadir tudo [...] Acabemos, pois, de vez, com a concepção ingénua, hoje inteiramente ultrapassada, da "hipótese da Evolução". Não, tomada com largueza, a Evolução deixou de ser, e desde há muito tempo, uma hipótese, – nem mesmo um simples "método": o que ela representa, de facto, é uma dimensão nova e geral do Universo, afectando, por conseguinte, a totalidade dos elementos e das relações do Universo. Portanto, não uma hipótese, mas uma condição à qual daqui em diante devem satisfazer todas as hipóteses*».<sup>5</sup>

Sem alguma vez pôr em questão, nesta história evolutiva do mundo, o papel do Criador, e, portanto, da "*Causa primeira*" como origem permanente de tudo, Teilhard não pode esquecer que "*ela intercala-se no meio dos elementos deste Mundo [...], duma tal maneira que, poderia dizer-se, Deus não "faz", antes "faz com que se façam" as coisas*».<sup>6</sup> Desde logo, o jogo da natureza é inteiramente respeitado e permite dar, ao nível dos fenómenos, «*uma explicação para a ligação dos seres entre si*», para responder à «*grande questão do 'liame universal' das coisas*»<sup>7</sup> É a esta questão que, em Teilhard, responde o paradigma da Evolução, pressuposto necessário a uma leitura do Mundo cientificamente fundado e racionalmente apresentado.

Que acontece, então, à descrição bíblica da criação, dado o carácter inevitável da evolução? Não terá a Bíblia perdido significado? Evidentemente que não! É verdade que a narrativa de Génesis 1 ignora completamente o facto da evolução, tal como o conhecemos nos nossos dias. Na narrativa bíblica, com efeito, a natureza parece vir à luz segundo a modalidade

---

<sup>4</sup> «Les fondements et le Fond de l'Idée d'Évolution» (1926), III, p.179-180

<sup>5</sup> «Comment se pose aujourd'hui la Question du Transformisme» (1921), III, p. 39

<sup>6</sup> «Note sur l'Essence du Transformisme» (1920) XIII, p. 130

<sup>7</sup> «L'Âme du Monde» (1918), XII, p. 259

do *já pronto*, sob a acção instantaneamente criadora de Deus. É esta visão, transformada em sistema, que define o criacionismo, para o qual a criação por Deus implica que a natureza não possa efectivamente ser senão algo de *já pronto* e não *fazendo-se*, a fim de melhor honrar, digamos, o poder criador de Deus. Ora, bem pelo contrário, na leitura da criação que a realidade da evolução nos impõe hoje em dia, a natureza dispõe por si dum poder empiricamente analisável de autodeterminação e isso nas modalidades físicas da sua aparição como no seu desenvolvimento.

Uma tal visão evolutiva, da qual Teilhard se tornou cristãmente o campeão, está longe de contradizer o acto criador de Deus. Permite, pelo contrário, compreender melhor a sua singularidade. Além disso, é preciso, na linha dos propósitos de Teilhard acima citados, perceber que podemos e devemos mesmo distinguir um duplo registo de expressão na narrativa bíblica da Criação, uma vez que ela é de natureza propriamente religiosa. O primeiro registo é o das afirmações reveladas, cuja autoridade é a da própria palavra de Deus. Mas esta palavra divina atinge-nos através dum segundo registo, que revela elementos relativos a uma visão ainda neolítica do mundo. Isto quer dizer que a Bíblia, por um lado, afirma e revela o *facto* da criação, resultando da palavra perfeitamente eficaz de Deus. Por outro lado, exprime não somente o *facto*, mas também o *como* dessa criação, que responde, na sua formulação, a uma visão simbólica do *mundo*. Aliás, o todo inscreve-se na estrutura duma semana quase litúrgica, cujo sétimo dia é o do sabbat. Se, pois, a representação que se tem do mundo pode ser modificada, a *afirmação* de que é Deus que o cria deve manter-se inalterada, ainda que vista à luz da nova maneira científica de descrever o mundo.

Enquanto aderindo ao *facto* da criação do mundo pela palavra de Deus, Teilhard pôde ver na evolução a única forma pensável como a ciência permite compreender o *como* dessa criação. Assim, também nós podemos apropriar-nos legitimamente duma tal visão e mesmo aprofundá-la. Sairemos, deste modo, duma leitura puramente literal da narrativa inspirada, sem em nada comprometer a doutrina bíblica da criação. Com efeito, o Génesis afirma de Deus *que* Ele criou, e não *como* Ele criou, a não ser que foi pela «palavra». Desde logo, auscultando nós mesmos «o Universo (a face experimental natural de Deus...)»<sup>8</sup> à luz actual da ciência, podemos dizer, sem nos enganarmos, que a criação não é algo de *já pronto*, mas antes algo que *se vai fazendo* pelo caminho duma evolução natural. É o que Teilhard exprime quando diz: Deus «faz» menos as coisas do que «faz com que elas se façam», e pode-se mesmo acrescentar, sem o trair, *deixa que elas se façam* à medida das probabilidades, se não mesmo do acaso.

O Cardeal Baronius escrevia, no século XVI: «A intenção do Espírito Santo é de nos ensinar como vamos para o céu, não como vai o céu». Com isto, ele marcava a distinção, que se podia fazer no seu tempo, entre o ponto de vista *cultural* e o ponto de vista propriamente *religioso* da narrativa. Hoje, olhando a natureza como Teilhard se empenhou em fazer, podemos dizer algo acerca do *como* empírico da criação. Outrora a Bíblia falava do oleiro para referir esse “como”. Nos nossos dias, podemos dizer que a acção criadora de Deus, estritamente irrepresentável, não compromete em nada o livre curso da evolução, sem que esta lhe seja jamais estranha, mesmo na sua contingência. Não seria para evocar este carácter irrepresentável da criação que Dante falou dela como de «a arte de Deus»?

Quanto à hipótese de um *intelligent design*, ele faz apelo a uma «super-inteligência» perante certos enigmas da natureza para evitar uma interpretação puramente científica ou materialista do mundo. Face à amplidão das questões colocadas hoje em dia pela evolução, às quais esta hipótese pretende responder, não se pode negar o bom fundamento destas questões,

---

<sup>8</sup> *Écrits du temps de la Guerre*, Grasset, p. 231.

tendo em vista a resposta que ela pretende fornecer. Ela revela-se pesadamente tributária duma forma de deísmo, ou seja, duma visão que não atribui a Deus senão um papel utilitário, ultrapassando assim, sem razão, as explicações empíricas que a ciência suficientemente nos dá.

De qualquer modo, a reflexão cristã não se pode contentar com uma hipótese que reduz Deus à categoria dum «programador»<sup>9</sup>, ainda que genial, que não é, na realidade, mais do que um substituto bastardo do verdadeiro Criador. De facto, o Deus que fica a faltar nesta hipótese do *intelligent design* não pode ser, aos nossos olhos, aqui, senão Aquele que torna possível a abertura infinita da consciência de si ao mistério pessoal de Deus. É nesta perspectiva que ganha sentido a génese fantástica do cosmos e, nele, do planeta onde nasceu o caule dos Primatas, o qual condiciona a aparição do homem. Este Deus Criador, se ele verdadeiramente existe, só é pensável com o acolher a imensidade duma tal evolução. Mais, ele deve poder afirmar-se inabalavelmente, mesmo e sobretudo, perante as negações implacáveis do homem face ao seu próprio significado transcendente. No seio do universo em plena evolução, não é, por excelência, qualquer ser humano um reivindicador infatigável dos significados absolutos de que a sua mortal contingência não poderia prescindir? É por esta razão, e contra qualquer aparência científica contrária, que Deus, no seu mistério, é o único Respondente possível às mais cruéis questões que afligem os humanos, naquilo que toca a sua identidade na sua relação com Deus. Nisso, o Deus que alguns declaram inexistente não é apanhado desprevenido. «Desde antes da fundação do mundo», atesta a Escritura (Ep 1,4), todo o ser humano, mesmo antes de existir, é visto como beneficiário dum amor eterno e incondicionado.

Que semelhança de fundo poderia, pois, existir entre este Deus da Criação e um «Designer cosmique» que, por natureza e essência, devesse permanecer estranho ao questionamento último com que se confrontam os humanos sobre o significado do seu ser e da sua existência? O Deus de que Teilhard nos disse que «faz fazer-se», ou que permite mesmo que se façam as coisas, é bem o Deus da Bíblia, jamais insensível em profundidade à aspiração humana dos significados absolutos. O homem, com efeito, não é para Deus o resultado efémero das leis e recursos inconscientes do mundo, ainda que delas Ele nunca tenha querido prescindir para que, pela via da evolução, os céus, o mundo e mesmo o homem *fossem*. Mas, para Deus, este homem, apesar de toda a aparência em contrário, do seio das condições que a natureza lhe confere, é, desde sempre, e para sempre permanecerá, portador de uma interrogação sobre o Deus criador ao qual deve a sua existência.

Teilhard, ao dizer «sim» ao paradigma científico da evolução, convida-nos a dizer também «sim» à presença efectiva, nesta evolução, do Deus do Génesis que ele nos apresenta [...] sob os traços de Ómega. De resto, não será assim que poderemos trilhar a via libertadora e sábia conselheira do papa João Paulo II, quando ele reconhecia, em 1996, perante a Academia pontifical das ciências, que a evolução é um dado cientificamente fundado, lembrando claramente que o homem, segundo o Vaticano II, é «a única criatura sobre a terra que Deus quis por ela mesma»?

Contudo, ao afirmar, em nome da evolução, o carácter natural da morte física, Teilhard não estaria em contradição com a Bíblia, que parece afirmar o contrário? Daí que aqui novas considerações se imponham, para que fiquemos seguros de que, também neste domínio, Teilhard continuava a falar verdade. [Segue-se a este o capítulo II, intitulado “*La nature et la mort*”].

---

<sup>9</sup> François Euvé s.j. «A heresia de Deus programador» (in «La Bible contre Darwin», p. 48-51, Le Nouvel Observateur, número extra, dezembro 2005 – Janeiro 2006). É também do Padre Euvé a expressão de «Designer cosmique» para denunciar o erro da hipótese em questão.